

ABC deixa produção cinematográfica em segundo plano

Altos custos de investimento e produção e a necessidade de criação de uma estrutura física de estúdios e equipamentos tornam arriscado o surgimento de parcerias.

Publicado em 09/06/2008 20h14

Última atualização em 09/06/2008 20h14



Cena do filme Garotas do ABC - Foto: divulgação

**FELIPE TORRES
GUILHERME SALVIATI**

Em 1949, empresários paulistas criaram a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, localizada em São Bernardo, com a seguinte missão: “Produção Brasileira de Padrão Internacional”. Cinco anos depois, a produtora entrou em declínio. Entre os motivos de sua

decadência estavam a falta de investimento público e a dificuldade de colocar filmes brasileiros nos competitivos mercados nacional e internacional.

Mais de 50 anos depois, a dificuldade da produção cinematográfica continua. Apesar de ser uma região conhecida pela indústria metalúrgica, o ABC conseguiu ampliar nos últimos dez anos o número de eventos patrocinados pelas prefeituras com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, mas isso tem sido pouco frente às necessidades do setor. Esse incentivo busca patrocínio de empresas ou pessoas para obras culturais e artísticas revertendo a contribuição em isenções fiscais. De acordo com a legislação, 10% da produção cultural aprovada pela Prefeitura deve ser realizada gratuitamente dentro do município.

A produção cinematográfica segue relegada a um segundo plano. Altos custos de investimento e produção e a necessidade de criação de uma estrutura física de estúdios e equipamentos tornam arriscado o surgimento de parcerias. Para um estabelecimento duradouro, seria necessária a criação de uma indústria permanente, sustentada por organizações públicas e privadas. “Na verdade, [no ABC] não há produção. O que houve com a Vera Cruz foi uma tentativa quase que irracional. Imaginaram que era possível criar uma indústria cinematográfica, e, começando por ela, ter uma estrutura física com estúdio, equipamentos e técnicos que vieram da Inglaterra e da Itália. Mas, no fundo, para manter essa estrutura era preciso do apoio do governo e naquela época não houve. O dia em que acabou o apoio do governo, a Vera Cruz acabou”, afirma o diretor de cinema Carlos Reichenbach.

Em seu filme lançado em 2003, “Garotas do ABC”, um grupo de operárias vive seu cotidiano de intenso trabalho, sonhos e ilusões. A produção recebeu três prêmios do Festival de Cinema Brasileiro de Brasília além de uma indicação a melhor filme. Apesar disso, Reichenbach não acredita em uma nova época de grande produção nacional. “É uma mentira essa ideia de que possa existir indústria cinematográfica no Brasil. Não vai existir indústria. Vamos deixar de mentira. Vamos encarar o cinema no Brasil como atividade artesanal mesmo”, afirma.

Recordando a produção cinematográfica do passado na região, a cinefila Talita Barros lamenta a situação atual. “Fico decepcionada quando penso que na região onde Franco Zampari na década de 50 fundou a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, a qual em seus apenas cinco anos de vida conseguiu produzir um vencedor de Cannes [“O Cangaceiro”] e fez escola para diretores, hoje não consiga aprender com o passado e mostrar a viabilidade do cinema brasileiro”, disse Talita.

Cinema Independente - Uma das formas de incentivar o cinema no ABC, ainda que de forma incipiente, como incubadora de ideias, é a Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André. Iniciada em agosto de 2001, a proposta era a de utilizar a região como local para atividades criativas, dentro de uma perspectiva de produção de baixo custo. Pretendia-se desenvolver uma atitude que expressasse uma reflexão crítica sobre a realidade regional, priorizando a dramaturgia, a direção e a utilização de recursos básicos de fotografia, som e edição. Hoje, a formação prioriza a linguagem e a independência dos estudantes.

“A experiência [na ECLV] foi e continua sendo extraordinária. A escola segue sendo a mais alta entidade em educação audiovisual do ABC, já ganhando nome fora da região, com a maioria dos alunos vindo de São Paulo. Os professores são grandes conhecedores em tudo que se espera, e a parte prática nos coloca frente a problemas pertinentes a um set profissional”, afirma o estudante de São Bernardo, André Gomes, de 28 anos.

Suas produções iniciadas na Escola Livre de Cinema são realizadas de forma totalmente independente. “Bem vindo ao clube dos vagabundos” foi lançado no ano passado, na Câmara de Cultura de São Bernardo, e conta uma história ficcional de um morador da cidade. Seu próximo filme “X-9”, em fase de finalização, fala exclusivamente da cidade de São Bernardo. “Não quero parecer clichê, nem ficar chorando por migalhas, mas falta de apoio, dinheiro e investimento ainda é o maior empecilho para a realização de qualquer coisa por aqui”, aponta o jovem cineasta.

“O mercado de audiovisual ainda não chegou aqui”, disse a coordenadora da Escola Livre de Cinema e Vídeo e do projeto Cineclube, Mônica Cardella. Mesmo assim, os obstáculos de fazer cinema no ABC não desanimam os alunos da ELCV. Existe uma co-responsabilidade entre estudante e escola. A cada 15 dias são feitas reuniões para discutir a participação dos alunos no processo da escola, o que ajuda na construção da grade pedagógica. “A intenção não é criar pessoas dependentes. Que os alunos saiam daqui autônomos, que eles consigam mandar projetos culturais para concursos ou festivais”, explica a coordenadora, lembrando que muitas das produções podem ser vistas no site YouTube. Todas foram feitas pelos alunos do atual terceiro ano da Escola.

Festivais - Parte desses trabalhos realizados de forma independente pelos moradores da região pode ser conferida em festivais do ABC. No I Festival de Vídeo de São Caetano, que está sendo promovido atualmente, os principais objetivos são incentivar a produção audiovisual da região e trabalhar a base do vídeo comunitário – ‘o que eu quero ver e mostrar para a minha cidade’.

“A base do vídeo comunitário serve para que a comunidade expresse o que ela quer e também consegue fazer com que a comunidade se identifique e se veja nas produções. O Festival também é importante para que as produções sejam divulgadas e vistas na cidade, fazendo com que o público comece a ter um olhar crítico e compare as produções”, afirma Sonia Maria Franco Xavier, Diretora da Cultura da Prefeitura de São Caetano. São esperadas as inscrições de aproximadamente 30 vídeos.

Atualmente, em Mauá, está sendo rodada a comédia romântica “Casamento Brasileiro”. Dirigido por Fauzi Mansur, o longa tem no elenco atores como Ney Latorraca, Nivea Stellman, Barbara Borges, a ex-BBB Iris Stefanelli, além de dez atores locais. Filmado em película, oposto ao cinema digital que prevalece hoje nas novas produções, tem estreia prevista para 2009.

registrado em: cultura

Sobre o Jornal

Equipe

Versao Digital do Rudge Ramos Jornal

Fale Conosco

Audios

Noticias

Videos
